

FAZER CINEMA BRINCANDO: ENCONTROS E EXPERIÊNCIAS DE PRODUZIR FILME DE ANIMAÇÃO COM CRIANÇAS

Constantina Xavier Filha¹

Resumo: O presente artigo tem o propósito de apresentar as discussões de pesquisas realizadas em dois estágios de pós-doutorado na Pós-Graduação em Educação: o primeiro, pela Unicamp (2014-2015) e o segundo, pela Unirio (2019-2020). Desses estudos, originou-se uma terceira investigação, em andamento, para pensar sobre os encontros com o cinema e com as crianças na experiência de produzir filmes de animação, no Brasil e em Portugal. O objetivo é discutir sobre a motivação dos estudos, problematizar alguns conceitos/termos utilizados como ferramentas teórico-metodológicas, traçar parte de uma trajetória particular de encontros com o cinema até os encontros com as crianças e apresentar informações analisadas.

Palavras-chave: Cinema de animação; Cinema. Educação; Infância; Fazer cinema.

Making cinema playing: meetings and experiences of producing animation film with children

Abstract: This article propose stop resent the discussions of research carried out in two post doctoral stages in the Postgraduate in Education: the first, by Unicamp (2014-2015) and the second, by Unirio (2019-2020). From these studies, a thirdinvestigationwasborn, in progress, to think about the encounters with cinema and with children in the experience of producing animated films, in Brazil and Portugal. The objective is to discuss the motivation of the studies, to problematize some concepts/termsused as theoretical-methodological tools, to trace part of a particular trajectory from encounters with cinema to encounters with children and to present the analyzed information.

Keywords: Animation cinema; Movietheater; Education; Childhood; Makemovies.

O termo “*encontros com o cinema*”, utilizado no título deste artigo, é inspirado em Bergala (2008). O autor convida-nos a pensar o cinema como alteridade por nos permitir, ao assistir a filmes, tornar-nos outra pessoa. O cinema como arte, para ele, não se ensina, mas *se encontra*, se experimenta. Ele instiga ase questionar o cinema na escola como arte. Escreve o autor: “Para permanecer arte – escreve –, deve permanecer um fermento de anarquia, de

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: tinaxav@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7431-5123>

escândalo, de desordem. A arte é, por definição, um elemento perturbador dentro da instituição. Ela não pode ser concebida pelo aluno sem a experiência do “fazer” [...]” (2008, p. 30).

Enfatiza, ainda, que o encontro com o cinema na escola ocorre nas “emoções da própria criação” (2008, p. 35). Segundo ele, a “escola representa hoje, para a maioria das crianças, o único lugar onde esse encontro com a arte pode se dar” (2008, p. 32). Vai além, ao afirmar que “se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar nenhum” (2008, p. 33).

Em 2010, realizei os meus primeiros encontros com as crianças ao produzir filme de animação em projeto de pesquisa e de extensão, no âmbito da universidade federal no interior do Brasil, na Região Centro-Oeste, em uma escola pública municipal de Campo Grande. Posteriormente a esses encontros, continuei nessa jornada de arte e magia até os dias de hoje, com intervalos para a realização de dois estágios de pós-doutorado e, por causa da Covid 19, devido ao ensino remoto adotado nas escolas que impediu os encontros presenciais com as crianças.

O trabalho conjunto com as crianças para produzir filmes de animação ocorreu em escolas públicas municipais de 2010 a 2018, retomando-os agora, em 2022, com experiências em uma escola estadual da cidade de Campo Grande.

O projeto, desde seu início, teve algumas denominações, mas se consolidou em “Brincar de fazer cinema com crianças”. Os encontros, as experiências, o brincar, a vivência da ludicidade e o trabalho cooperativo marcaram presença nessa magia entre cinema e educação.

Ao longo dos anos, a dinâmica metodológica dos projetos contou com encontros semanais em turmas dos primeiros anos do ensino fundamental (do 3º ao 5º ano), além de um seminário final de síntese, realizado na universidade, no intuito de socializar as atividades desenvolvidas e exibir o filme produzido coletivamente com a turma. Encontro análogo era realizado na escola para fins de socialização, de apresentação do filme e do processo de produção a outras crianças, a professoras/es e familiares das crianças que participaram como protagonistas dos projetos.

Durante todos esses anos, eu e equipe experimentamos várias metodologias, ações, atividades e experiências com as crianças no processo de pensar junto e produzir filmes de animação.

Denominei à primeira fase do trabalho com elas desenvolvido de “*brincar de pensar em si e no mundo*”. A etapa consistiu em conhecer o que elas sabiam sobre o tema escolhido. A cada ano propúnhamos um tema diferente para cada projeto: gênero, direitos humanos, corpo... Posteriormente, a temática era debatida, estudada para a produção das primeiras ideias até a construção coletiva do roteiro do filme. Nessa trajetória, produzíamos/trabalhávamos coletivamente até o produto final - o filme de animação. Várias metodologias de pesquisa e de ações extensionistas foram desenvolvidas com as crianças, como a roda de conversa, a elaboração de pequenos textos e desenhos, a produção de pequenas histórias individuais ou coletivas, o teatro de fantoches, jogos, muita brincadeira. Nesta etapa, era importante destacar as falas e os saberes das crianças.

Outro momento vivenciado nos projetos foi a produção coletiva do filme de animação. Chamei a esta etapa de “*fazer cinema brincando*”. As crianças participaram de todo o processo de pré-produção, produção e planejamento da pós-produção, até a sugestão final para a edição dos filmes. A última etapa foi a de “*ver, fruir e pensar o filme*”. Foi o momento de socializar o processo como produção coletiva de adultos/as e crianças. As crianças foram convidadas a falar sobre as experiências vividas em uma mesa-redonda realizada na universidade e também quando o filme foi exibido na escola para outras/os alunas/os e familiares. Outros questionamentos se levantaram a partir daí. Esses encontros constituíram momentos de fruição, acolhimento, partilha de novos questionamentos, oportunidades de ver a obra pronta, analisar o processo de feitura, além de prospectar novos sonhos, novas ideias, novas formas de produzir com e para as crianças.

O propósito deste artigo é discutir a relação entre criança-cinema e escola, especialmente o cinema de animação; descrever o que motivou os estudos e as pesquisas; questionar alguns conceitos/termos utilizados como ferramentas teórico-metodológicas; traçar parte de minha trajetória até os encontros com as crianças nas experiências aqui relatadas e apresentar os passos trilhados nas investigações, com algumas das informações/discussões analisadas.

ENCONTROS COM O CINEMA E COM AS CRIANÇAS

Minha paixão pelo cinema de animação começou há mais de 20 anos. Antes disso, sempre me encantava com a linguagem cinematográfica dos desenhos animados; no entanto, ainda não conhecia muitos gêneros, além dos exibidos pela televisão, em salas de cinema ou vendidos em DVDs.

No período de realização do doutorado em educação em São Paulo, comecei a participar como ouvinte de vários festivais de cinema, dentre eles, o Festival Anima Mundi. Isso ocorreu no ano de 2001. De lá para cá, nunca mais parei de me encantar com os filmes de animação e de os amar. Assistir a inúmeros filmes no festival abriu um mundo mágico em minha vida. Além de me deliciar com eles, participava das oficinas oferecidas no estúdio aberto: massinha em *stop motion*; areia; desenho 2D; zootrópio. Encantava-me com aquilo tudo. Aos poucos foi nascendo em mim o desejo de experimentar essa linguagem em minha prática pedagógica. Ainda no festival, fui aprendendo algumas técnicas de animação e também a vislumbrar sua aplicação em meus projetos profissionais. Foi neste festival que conheci o projeto Anima Escola, que promovia atividades pedagógicas da linguagem do cinema de animação em escolas do Rio de Janeiro com crianças e professoras/es, visando a ensinar e a socializar as técnicas da animação como ferramenta pedagógica.

Após alguns anos de enamoramento com o projeto Anima Escola, consegui estabelecer e firmar uma parceria a partir de um projeto de extensão, a que designei “Educação para a Sexualidade, Equidade de Gênero e Diversidade Sexual: práticas e materiais educativos”, com apoio da Secad/MEC, no ano de 2008. Tinha por objetivo promover momentos de capacitação com professoras/es da educação básica de Campo Grande/MS para estudar, discutir e questionar temáticas da sexualidade, gênero e diversidade sexual na educação de crianças em instituições de ensino. O projeto também visava a produção de materiais educativos; dentre eles, filmes de animação. Coordenei oficinas com as professoras e, juntas, produzimos o argumento de dois filmes. Em seguida, com a vinda de dois profissionais do Anima Escola, trabalhamos todo o processo de produção de dois filmes, o “Rosazul no reino do arco-íris” (3 min.) e um segundo, denominado “Isso é de menina ou de menino”? (5 min.). A produção dos dois curtas, apesar de cansativa, trouxe momentos de contentamento com o processo e a produção coletiva dos filmes. A técnica utilizada foi a do *stop motion*, gravação quadro a quadro, com bonecas/os de massinha. Nesse projeto, também tínhamos como intuito produzir filmes com

crianças. Tal intento, porém, não obteve êxito e tive que adiar esse propósito. Os filmes de animação produzidos fizeram parte do “Kit de Materiais educativos para a Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual” (XAVIER FILHA, 2009), juntamente com livros infantis, um livro teórico para professoras/es e videoaulas.

No ano de 2010, agora com um projeto de pesquisa denominado “Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças” (2008-2012), com apoio do CNPq, e um projeto de extensão - “Educação para a sexualidade, gênero e direitos humanos de crianças” (2010) -, continuei o projeto de produzir filmes com crianças. O objetivo era analisar livros infantis (outra paixão!) com temáticas de gênero, sexualidades e diversidades e promover oficinas em escola pública para discutir as temáticas mediadas por livros e filmes de animação. Um dos principais propósitos foi o de produzir materiais educativos para e com as crianças, e foi o que fizemos. Produzimos o argumento e o roteiro do filme de animação “*Jéssica e Júnior no mundo das cores*” (3 min.), a partir do livro infantil de minha autoria. Para a produção do filme fizemos parceria com a instituição Animare (MG). A técnica utilizada foi a do desenho animado 2D. Esse foi o primeiro gostinho que tive na produção de filmes com crianças, no intuito de reforçar a ideia de realizar outras produções desse gênero com outras crianças.

No ano seguinte, 2011, fiz um curso de Documentário, promovido pelo Pontão de Cultura Guaicuru. Como produto final, deveríamos produzir um curta-metragem. Desde meu ingresso na formação, tinha por propósito produzir filmes de animação com crianças. Realizei pesquisa com elas na mesma escola pública municipal em que fizemos o filme anterior. As crianças disseram, a partir de textos e ilustrações, o que era ser criança em sua cidade. A partir daí, construímos o roteiro; planejamos cenários, diálogos, efeitos sonoros, filmagens. O filme foi intitulado “*Ser criança em Campo Grande: um documentário animado*” (5 min.) contou com a técnica do recorte em *stop motion*. Este foi, certamente, um dos momentos sublimes em minha trajetória com o cinema de animação e de encontro genuíno com as crianças. Pude vivenciar as dores e delícias desse árduo e prazeroso processo de produção de linguagem cinematográfica com e para crianças.

A partir daí, até os dias de hoje, temos produzido, juntos, um total de doze filmes. Durante esse processo, fiz vários cursos livres de cinema em São Paulo e em Barcelona, com o intuito de estudar a sétima arte e as questões mais

técnicas da produção cinematográfica da animação. Alguns dos filmes produzidos foram selecionados por festivais nacionais e internacionais; alguns ganharam prêmios. O contentamento maior foi o de ter podido produzir com crianças para crianças e para serem utilizados como instrumento educativo nas salas de aula, razão por que são disponibilizados nas redes sociais.² Segue-se uma sinopse de todos os filmes:

Jéssica e Júnior no mundo das cores (3 min., 2010) - História de uma menina que se transforma em cor-de-rosa de tanto viver imersa em um mundo rosa. O mesmo ocorre com o menino, que se torna azul. Ambos passam a questionar essa transformação. Filme baseado no livro *A menina e o menino que brincavam de ser*, de minha autoria (2009a). Produção com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental (EF).

Ser criança em Campo Grande: um documentário animado (6 min., 2011) - Uma menina e um menino que narram seu dia vivido em Campo Grande. Descrevem o que mais gostam de fazer na cidade e a imaginam governada por crianças super-heroínas, com chuva de doces e balas, transformada em docelândia, sorvetelândia e guaranalândia. Produção com crianças do 5º ano do EF.

A Princesa Pantaneira (9 min., 2012) - Camuela é uma menina que recebeu dos bichos do seu reino a condecoração de Princesa Pantaneira. Ela é corajosa, valente, destemida, desbravadora; doma cavalo bravo e salva príncipes e princesas. Produção com crianças do 5º ano do EF;

Queityléia em perigos reais (9 min., 2012) - Queityléia, em sonho, faz tudo o que sempre quis dentro de casa, colocando-se em situações de perigo e de vulnerabilidade. Produção com crianças do 5º ano do EF;

Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica (9 min., 2013) - Amizade de duas crianças terráqueas, Lila e Luiz, residentes em Campo Grande, com crianças ETs, Etvaldo e Etnilda, habitantes do Planeta Timbum. Lila e Luiz convidam-nas a passear no planeta Terra. Aqui chegando, conhecem a realidade de outras crianças terráqueas: as que são tratadas com cuidado, alimentação e proteção, e as que têm seus direitos violados. Produção com crianças do 5º ano do EF;

João e Maria: dos contos à realidade (9 min., 2013) - Versão contemporânea do conto de fadas do mesmo nome. João e Maria

²Redes sociais dos projetos: Youtube Brincar de Fazer Cinema - <https://www.youtube.com/channel/UC8G0GQobi-bfz3vp4kqvqA>.

Página do site: <https://brincardefazercinema.wixsite.com/brincardefazercinema/>

são irmãos e foram vendidos por seu pai e mãe a um ‘casal mau’, que morava em uma casa de doces. Lá deveriam realizar trabalhos forçados e descobriram que muitas outras crianças eram escravizadas pelo mesmo casal. Produção com crianças do 5º ano do EF;

Cantando os direitos das crianças (10 min., 2016) - O roteiro foi construído a partir de dois *raps* escritos por uma das meninas do grupo de crianças do projeto. O filme mostra a atuação de duas *MCs* de *rap* em uma competição, em show de calouras/os. A temática foca a violência contra crianças e direitos humanos. Produção com crianças do 5º ano do EF;

Eu protejo o meu corpo (8 min., 2017) - Narra os cuidados e formas de proteção que as crianças devem assumir para se proteger e também para buscar ajuda em situações de vulnerabilidade. Baseou-se no livro *Do meu corpo eu cuido e protejo*, de minha autoria (2014a), e ilustrações de Lorena Martins. Produção com crianças do 3º ano do EF;

Mariquinha no mundo da imaginação (10 min., 2018) - Inspirado livremente nas obras do poeta Manoel de Barros, conta a história de uma menina que descobre que seu ‘quintal é maior do que o mundo’ e o explora; cultiva a natureza, brinca com seu amigo Nardo e vive experiências em seu mundo imaginário. Produção com crianças do 5º ano do EF;

Princesa Pantaneira YouTuber (4 min., 2020) - Filme protagonizado pela Princesa Pantaneira, que agora é uma *youtuber*. Ela apresenta um programa de um canal da internet e responde a perguntas de suas/seus seguidoras/es. Produção com crianças do 4º ano do EF;

Princesa Pantaneira responde: cinema? (10 min., 2020) - A *youtuber* Princesa Pantaneira responde a uma pergunta enviada ao seu canal sobre a história do cinema no mundo e no Brasil. O roteiro do filme é baseado em livro de minha autoria - *Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema* (2014c), com ilustrações de Lorena Martins. Produção com crianças do 4º ano do EF;

Brincar de fazer cinema com crianças (10 min., 2020) - Filme protagonizado pela Princesa Pantaneira *youtuber*. A pergunta-chave do roteiro do filme é sobre como as crianças fazem cinema de animação. Roteiro também inspirado no livro infantil destacado anteriormente (2014c). Produção com crianças do 4º ano do EF.

Observando minha trajetória com a animação e a de meus encontros apaixonados com o cinema de animação e com as crianças, vislumbro muitas outras experiências e encontros com o cinema de animação, com crianças e

tantas outras pessoas que, assim como eu, são apaixonadas por experiências análogas. A paixão está a cada dia mais acesa e o propósito de aprender junto com as crianças me encanta e possibilita refletir sobre a cultura da infância, sobre as relações entre cinema e educação, sobre o desejo de produzir com elas, sobre o me aventurar por terrenos pouco conhecidos e desafiadores, sobre a fruição dos filmes; sobre o prazer de produzir cinema, enfim... de me colocar em xeque, de questionar minhas ‘verdades’... para fantasiar, brincar, imaginar, criar novos mundos... contar e viver histórias a partir da linguagem cinematográfica.

FAZER CINEMA BRINCANDO: REFLEXÕES E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa realizada no período de abril de 2014 a abril de 2015, durante o estágio de pós-doutorado na Faculdade de Educação da Unicamp, com supervisão do professor Sílvio Gallo, fez parte de um trabalho mais amplo intitulado “Produção de filme de animação com crianças: modos de subjetivação, constituição ética e estética da existência em cena” (2014-2017). Passarei a descrevê-la neste tópico e sintetizar suas discussões para refletir sobre os encontros entre cinema de animação e crianças nos processos e experiências da produção de filmes de animação em escola pública.

Falar de *experiências* remete ao que Larrosa (2014) atribuiu à travessia como passagem, trajetória do vivido, algo que nos acontece e, ao acontecer, nos transforma. Ela é, para o autor, singular, impossível de ser repetida; é atenção, escuta e disponibilidade. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca” (2014, p. 18).

Na pesquisa de pós-doutorado, busquei analisar as experiências vividas por pessoas adultas e por crianças nas atividades dos projetos realizados de 2010 a 2013. Durante a investigação, também pude viver múltiplas experiências de rever e me rever. Precisava de tempo, como diz Larrosa (2014), para interromper toda aquela sequência de trabalhos realizados e buscar entender a trajetória desse vivido. Ao tempo em que pretendi realizar uma discussão sobre a experiência vivida nos momentos do projeto, lancei mão do processo de *problematização*, pensado na perspectiva foucaultiana. Pretendi, acatando a sugestão de Marshall (2008), proporcionar-me a liberdade de me separar do que fazia – dando um passo atrás–, o que seria uma “forma de o estabelecer como

um objeto de pensamento e arefletir sobre ele como um problema” (MARSHALL, 2008, p. 31). A ideia foi retomar todos os vestígios das experiências vividas nos projetos para pensar sobre os processos éticos e estéticos de crianças e adultos/os. O público atingido nos projetos foi o de alunas/os do 5ºano do ensino fundamental. Tivemos um público de 178 crianças, com idades médias entre 9 e 12 anos. Algumas/ns adolescentes também participaram, embora em menor quantidade. O grupo, em todos os anos, contou com 44% de público masculino e 56% de público feminino.

Seguem-se algumas discussões que considero fundamentais para descrever as problematizações da referida pesquisa:

Espaço de construção de livre pensamento - O que se buscou, nas várias experiências com as crianças, foi propiciar momentos de livre pensamento sobre assuntos nem sempre aceitos e debatidos com o público infantil em escolas. Pretendeu-se utilizar a linguagem cinematográfica e o processo de produção de filmes como experiências de pensamento e produção de subjetividades, na medida em que se colocavam os sujeitos como objeto de pensamento, para discutir assuntos pouco debatidos na escola, como sexualidade; gênero; diferença; violência contra crianças e direitos humanos; na produção do eu-outro-mundo; nos processos de cuidado de si e do/a outro/a; no processo ético e estético da existência de pessoas adultas e de crianças. As atividades propiciadas nos encontros dos projetos forneceram às crianças a oportunidade de dialogar e pensar a respeito. É importante destacar que os momentos de pensar e pensar diferente lhes foram oferecidos para que pudessem, com as mais variadas metodologias lúdicas e argumentativas, pensar sob várias perspectivas, questionar por que pensamos assim e não de outra maneira. Estes foram momentos de exercício da própria filosofia -exercício ou experiências de pensamento.

Crianças como sujeitos ativos - A criança já foi pensada no passado como um ser ‘sem fala’ e, daí, ‘sem pensamento’. Nossos projetos propiciaram formas diferentes de pensar a criança e de ela própria exercitar o pensamento como sujeito ativo e com condições de pensar e argumentar sobre assuntos que lhes dissessem respeito. Isto só foi possível porque reservamos espaço para as escutar, para as instigar a pensar, repensando os ditames do mundo adultocêntrico, dentre tantos outros assuntos.

Produções coletivas e dialógicas – No decorrer dos encontros, aos poucos, as crianças demonstraram prazer em estar no grupo e em perceber que havia pessoas adultas interessadas em ouvi-las. O processo de ouvir e ser ouvida/o foi construído ao longo desses encontros. No início, além de todas as crianças falarem ao mesmo tempo, não se estabelecia que atitudes seriam pertinentes à experiência de ouvir o outro sujeito. As próprias concepções de papéis representados pelas pessoas adultas na escola foram repensadas no processo horizontal e dialógico das trocas e saberes.

Construção de repertórios argumentativos – Nas discussões iniciais dos encontros dos projetos, as crianças eram monossilábicas em suas respostas, bem como nas discussões que se seguiam. Pareciam desprovidas de repertórios de oralidade e de argumentação para falar sobre temas sobre os quais tinham o que dizer e o queriam expressar. Duas possibilidades de discussão foram pensadas a respeito. A primeira, sugeria a existência de pouca interação verbal entre adultos e crianças, e entre crianças e crianças, na escola relativamente a assuntos que diziam respeito a sentimentos, especialmente a temas que afetavam a infância e que se considerava não se devessem tratar com as crianças, como sexualidade, violência contra elas, especialmente a sexual. Como eram e são palavras sobre as quais não se discute diante delas, por elas serem consideradas infantis, ‘assexuadas’, ‘ingênuas’, o resultado é não disporem de repertórios verbais e de empatia pelo/a outro/a no grupo ao falarem a respeito. Outra argumentação sobre a problemática era que, se a escola reservava pouco ou quase nenhum espaço para o diálogo e a discussão, elas também não desenvolviam a possibilidade da escuta, nem a da oralidade. Enfrentadas com a discussão e sua frequência, a ponto de com elas se habituarem, as crianças aos poucos conseguiram expor seus sentimentos e opiniões, que eram respeitosamente ouvidos e debatidos no coletivo.

Crianças produzindo filmes – Sabemos que as crianças são consumidoras vorazes da linguagem audiovisual, sobretudo de filmes, dentre eles os de animação. Elas, porém, raramente participam do processo de produção dos filmes. A linguagem utilizada parte de sujeitos adultos para crianças, e não o contrário. Por esse motivo, iniciamos essa experiência com elas, sabedoras/es de que elas têm muito a nos dizer, desde que se lhes ofereçam espaço e condições para essa discussão e produção. No início das atividades, essa tarefa trouxe desafios enormes; aos poucos, porém, elas foram se sentindo mais à vontade por tomarem parte dos projetos e se sentirem protagonistas de todo o processo até a produção final do filme.

Fazer/produzir filmes brincando – A ludicidade, a capacidade de brincar de pensar e de produzir histórias foram elementos privilegiados na experiência adotada nos encontros do projeto. Foram atreladas a essas questões a possibilidade de propiciar às crianças o exercício do pensamento e a capacidade de pensar sobre si mesmas à medida que produziam histórias com imagens e sons. É importante frisar que não estávamos preocupadas somente com o filme-produto, mas com o processo e as transformações que poderiam acontecer nas vivências de crianças e adultos/os. Também não pensávamos necessariamente em produção de plateias e, muito menos, em fomentar futura mão-de-obra para a indústria audiovisual. O que nos propusemos nas experiências vividas foram: a) o encontro com o cinema como arte; b) a produção de vivências potencializadoras do filme como alteridade; d) promover experiências de produção de pensamentos e sentimentos, éticos e estéticos, para pensar sobre a vida e produzir novas formas de ser. Este processo foi vivenciado na produção coletiva dos filmes e também nos momentos de sua fruição e de discussão sobre eles, ou seja, sobre os já produzidos, assim como a fruição e discussão de livros para a infância³ com as temáticas escolhidas para os projetos: gênero, sexualidade, violência contra crianças e direitos humanos.

Produção de filmes em processos éticos e estéticos de ser – Este processo foi vivenciado na produção coletiva dos filmes e também nos momentos de fruição e discussão de filmes já produzidos e de livros para a infância com as temáticas escolhidas para os projetos, como já exposto. O que pretendemos foi construir novas perspectivas teórico-metodológicas e éticas na condução e mediação das discussões com as crianças. Aprender junto com elas e promover discussões fez parte do grande e delicioso desafio vivido. No processo de produção coletiva e no exercício de pensamento, as crianças puderam pensar em si como sujeitos éticos e estéticos. O mesmo ocorreu entre as pessoas adultas, que puderam pensar a si próprias nas relações com as crianças nas artes da existência. O trabalho ético e estético pode ser trilhado nas relações estabelecidas entre os sujeitos, adultos e crianças, na medida em que o

³ Livros para a infância produzidos ao longo dos projetos: XAVIER, Tina. As aventuras da Princesa Pantaneira. Campo Grande, MS: Life Editora, 2012. 36 p.; XAVIER, Tina. Do meu corpo eu cuido e protejo. Ilustrações de Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014. [Livro infantil]. 27 p.; XAVIER, Tina. Meninas e meninos têm direitos. Ilustrações de crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014. [Livro infantil]. 31 p.; XAVIER, Tina. Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema. Ilustrações de Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014. [Livro infantil]. 29 p. XAVIER, Tina. Viver sem violência é um direito. Ilustrações de crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014. [Livro infantil]. 30 p.

pensamento se volta para a vida de cada um. A elaboração do trabalho ético, como diz Foucault, que se efetua sobre si mesmo, ocorre “não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para tentar transformar a si mesmo” (2014, p. 34). A partir de muitas das atividades propostas pelos projetos, as crianças puderam, brincando, fazer a experiência, segundo Foucault, de “tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se” (2014, p. 48).

As ações do projeto propiciaram às crianças pensar sobre si, sobre a/o outra/o e sobre o mundo. O brincar de pensar, de fazer cinema brincando e de pensar em si, no outro e no mundo, a partir das ideias e da linguagem cinematográfica propiciou novas formas de ser, estar, sentir e se constituir como sujeitos mais dialógicos, igualitários e colaborativos.

FAZER CINEMA BRINCANDO: ENCONTROS COM O CINEMA, COM AS CRIANÇAS E COM PROFESSORAS(ES)-CINEASTAS

Nos anos de 2019 e 2020, realizei outra pausa nas ações dos projetos com as crianças para a realização de outro estágio de pós-doutorado, agora na Faculdade de Educação da Unirio, com supervisão da professora Adriana Hoffmann. Passo, a seguir, a descrever os processos teórico-metodológicos e as discussões realizadas nessa investigação.

Na pesquisa “Encontros com o cinema nas experiências de fazer filme de animação com crianças” (2019-2020), realizada no segundo estágio do pós-doutorado, pretendi voltar meu foco mais detidamente para as experiências vividas com as crianças no processo de produção dos filmes, como também para o de encontrar outras pessoas que, como eu, tiveram e sentiram a necessidade de se encontrar com as crianças para desenvolver projetos. O tema mais abrangente da investigação foi o de cinema e educação - experiências de encontro com o cinema -, e o objeto do estudo, as narrativas de professoras/es-cineastas, brasileiras/os e portuguesas/os, sobre suas experiências de encontros com o cinema na produção de filmes de animação com crianças. Os questionamentos do estudo foram os seguintes:

- Como as/os professoras/es-cineastas brasileiras/os e portuguesas/es significam ou ressignificaram suas experiências no encontro com o cinema na produção de filmes de animação com crianças?
- Quais são ou foram seus encontros com o cinema?

- Que desafios e possibilidades são/foram vividos nos processos de produção de filmes de animação com crianças?

A opção metodológica foi a da realização de entrevistas semiestruturadas, que ocorreram primeiramente em Portugal, e, posteriormente, no Brasil. Investigar esses dois espaços se destinou a pensar em realidades que nos aproximam pela língua e também para evidenciar o que nos distancia ou nos distingue. A escolha por Portugal teve também por objetivo conhecer experiências⁴ de instituições que produzem filmes com crianças, o que explica o interesse em ampliar os conhecimentos da realidade daquele país. Denominei os sujeitos da pesquisa de professora/or-cineasta, tanto a/o profissional que atua como docente em escola pública e/ou em projeto educativo, quanto a/o profissional de outra instituição, docente ou não, que desenvolve ações/projetos com crianças em escolas públicas e, de preferência, sem cobertura financeira para a criança participar das ações, seja aqui quanto lá. Além dessas características, outro critério de seleção era que os sujeitos deveriam participar do desenvolvimento dos projetos naquele ano da coleta das narrativas e que dele já estivessem participando, de forma ininterrupta, pelo menos desde três anos antes.

Comecei as pesquisas empíricas em Portugal, onde entrevistei 15 professoras/es-cineastas; no Brasil, 12 pessoas.⁵ A fim de observar critérios equânimes, selecionei para a pesquisa 12 profissionais de cada país. No entanto, devido ao tempo exíguo do estágio de pós-doutorado, reduzi o número de selecionadas/os a duas pessoas por país (em Portugal, um professor de artes e uma professora da área de humanidades que atua na escola; no Brasil, uma professora da educação básica e um cineasta). Das duas pessoas entrevistadas em cada país, uma desenvolvia suas ações profissionais no espaço escolar; a outra, numa instituição extraescolar. Passo, a seguir, a descrever as informações e questionamentos realizados nesta investigação.

Encontros com o cinema e com as crianças – Os encontros com o cinema variaram de acordo com as narrativas das pessoas entrevistadas. Em sua maioria,

⁴ No ano de 2010, em licença-capacitação de três meses, pude acompanhar o processo de produção de filmes com crianças em escolas portuguesas, desenvolvido pela instituição *Anilupa*, no Porto. Tal experiência me estimulou a ampliar conhecimento de projetos análogos desenvolvidos em Portugal.

⁵ As outras entrevistas com maior tempo de duração comporão as fontes da pesquisa de continuidade. Parte dessa pesquisa foi realizada na Espanha, onde também entrevistei profissionais que produzem filmes de animação com crianças. Em Barcelona, para ampliação de conhecimentos, realizei, na *La Academia de Animación*, o curso *Animación em Stop Motion*.

ocorreram primeiramente via televisão e, posteriormente, com a ida às salas de cinema. A seguir, vieram os encontros em festivais de cinema de animação, na escola e nos cineclubes. Em Portugal, falaram-me da importância do festival *Cinanima*,⁶ que, além de exibir filmes de animação, desenvolvia, e continua a desenvolver, projetos educativos com as escolas, tendo, dentre eles, o de levar estudantes ao festival e o de produzir filmes nas escolas. No Brasil, o festival *Anima Mundi* foi destacado como um marco ao propiciar os encontros com o cinema de animação para as/os brasileiras/os, tal como ocorreu comigo. A experiência cineclubista foi narrada, em Portugal, como a possibilidade de construção da cinefilia. Uma professora-cineasta brasileira relatou seu encontro com o cinema de animação ao participar de um projeto de formação docente do festival *Anima Mundi*, denominado *Anima Escola*. Através dele, pôde conhecer o cinema de animação, suas técnicas e linguagens, além de aprender como produzir filmes com as crianças.

Cinema como arte - A ideia do cinema como arte e de que as crianças também podem ser agentes de sua feitura/produção é um fato que move etem movido as/os entrevistadas/os de forma aguerrida e apaixonada em sua atuação com elas. Fazem-no conscientes de que as crianças são sujeitos ativos no processo de ver e fazer filmes pela mediação dialógica e lúdica da/s pessoa/s adulta/s.

Experiências de fazer filme com as crianças - As experiências de fazer filmes com as crianças ocorreram, em sua maioria, em escolas públicas nos dois países. O desejo e o intuito das pessoas que propuseram as atividades foi de que as experiências de produzir filmes com as crianças fossem de formar público crítico e sensível, mas, sobretudo, com a finalidade de experienciar vivências de reflexão-problematização com a feitura dos filmes.

Cinema-educação-escola- O papel da escola,⁷ da professora ou do professor, é de possibilidades e de fermento para que o cinema-arte promova

⁶O Festival Internacional de Cinema de Animação — *Cinanima* é um dos mais conhecidos e reputados festivais internacionais de cinema de animação, realizado anualmente em Espinho, Portugal. <https://www.cinanima.pt>

⁷A Lei nº.13.006, de 2014, assegura, no §8º, que a “exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”. A lei alterou a LDB, assegurando que o cinema deve estar presente nas escolas por no mínimo duas horas, não somente como imposição, mas como

mudanças significativas na instituição e na vida das pessoas. Os pressupostos teóricos de Bergala (2008) possibilitaram pensar sobre o cinema na escola e sobre a possibilidade de fazer cinema com crianças, bem como refletir sobre nossos encontros com o cinema e com as crianças. Esta foi a tônica das narrativas das/dos entrevistadas/os. A escola formal e demais instituições educativas foram pensadas como espaços legítimos, pulsantes e poderosos para a fruição da arte do cinema e para a produção de filmes com a participação efetiva de crianças e adolescentes.

Crianças como sujeitos ativos no processo de produzir filmes – O que observei nas narrativas das/os professoras/es, em seus encontros com as crianças nas ações de produção de filmes de animação, foi a convicção de que *a criança é um sujeito ativo, criativo, produtor de cultura e ávido por discutir assuntos de seu interesse e de produzir ideias e filmes*. Percebi o desejo dos/as adultos/as de estar com elas e, com isso, realizar a integração entre o saber da cultura da infância com os demais conhecimentos culturalmente socializados.

Crianças aprendendo a experienciar o trabalho coletivo da arte cinematográfica – As/os professoras/es-cineastas comentam o trabalho coletivo e de colaboração verificado em suas experiências de fazer filmes com as crianças. O papel da/o adulta/o, é muito importante neste processo. As/Os entrevistadas/os não consideram a pessoa adulta como alguém que conduz a prática educativa com as crianças numa perspectiva adultocêntrica, mas como alguém que está junto, correndo os riscos das produções e saberes, mas, sobretudo, aprendendo nessa trajetória e com ela se transformando.

As pessoas entrevistadas interpretaram e ressignificaram as experiências de seus encontros com o cinema e dos encontros que propiciaram o cinema com as crianças, dizendo que, apesar de ensinarem as técnicas do cinema de animação, e da sua linguagem, a arte não é ensinada, mas vivida, na medida em que a experiência com a fruição se dá com o fazer cinema, experimentando outras possibilidades de pensar e sentir. Tal processo, informaram, possibilita a construção da subjetividade das pessoas que vivem esses momentos de total magia, que é a de fazer algo inanimado ganhar vida.

possibilidade pedagógica e artística de trazer o cinema como arte para o encontro de crianças e adolescentes.

PERSPECTIVAS PARA OS PRÓXIMOS ENCONTROS COM O CINEMA E COM AS CRIANÇAS...

Os encontros com o cinema e com as crianças nas experiências vividas nas escolas e nas pesquisas aqui descritas demandaram entrega total de minha parte, da equipe (composta de acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e de técnica da Faed - Faculdade de Educação), das crianças, das professoras das escolas envolvidas e das pessoas entrevistadas. Muitos desafios foram vividos. Muitos foram os ganhos, os acertos, os erros, as dúvidas, as incertezas que fizeram parte de todo o processo. As experiências, como nos fala Larrosa (2014), não podem se repetir da mesma forma. Outras experiências podem acontecer, mas nunca daquela mesma maneira, porque não somos mais os mesmos e as mesmas que antes. Não somos mais as mesmas pessoas que iniciaram os projetos em 2010. As crianças que fizeram parte dos projetos não são as mesmas agora, como eram diferentes quando iniciaram cada uma das experiências dos encontros nos projetos.

Essas experiências foram vividas por mim no tripé das ações de ensino-pesquisa-extensão na universidade. Foram ações e vivências marcadas por encontros e desencontros, mas com o objetivo de construir trajetórias éticas e estéticas da existência e da experimentação que o cinema como arte pode provocar e propiciar.

Encontrar-me com pessoas que assim como eu amam esses encontros com o cinema de animação e com as crianças encheu meu coração de esperança e do desejo de prosseguir com essas atividades em escolas públicas.

Em continuidade a essas duas pesquisas, especialmente a segunda, que contou com as entrevistas já coletadas, originou a investigação atual. Pretendo, nela, analisar as 24 entrevistas realizadas no Brasil e em Portugal, além de outras realizadas na Espanha. Os processos éticos e estéticos da existência serão destacados nas problematizações feitas, assim como se deverá abrir espaço para discussões a partir de conceitos dos marcadores sociais das diferenças, especialmente as de gênero. Esses conceitos serão utilizados para entender os processos de constituição de sujeitos na produção coletiva de filmes de animação entre pessoas adultas e crianças. Alguns filmes dessas perspectivas, produzidos pelas/os professoras/es-cineastas e crianças, também serão analisados na perspectiva da etnografia de tela.

Penso que as pesquisas realizadas e desenvolvidas, descritas neste texto, além das contribuições de outras no campo do cinema-educação (BERGALA, 2008; DUARTE, 2002; FRESQUET, 2015; XAVIER, 2008; BERDARDET, 2012), confirmam ser fundamental pensar as relações entre o cinema como arte e a educação escolar. Vejo também a urgência de nos empenhar cada vez mais em *encontros com as crianças* e de promover *encontros delas com a arte do cinema* nas instituições educativas, fazendo filmes, assistindo a filmes (inclusive aos produzidos por crianças), desenvolvendo a fruição, a imaginação e a sensibilidade. Ver, pensar e repensar a partir dos filmes possibilita colocar-nos no lugar-existência de outras pessoas, de outras realidades e outros mundos, para também nos possibilitar sermos outras pessoas.

REFERÊNCIAS:

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 21^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL, **Lei nº 13.006 de 2014**, que alterou o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **As crianças e os desenhos animados**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**. O uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 320 p.

FRESQUET, Adriana; Migliorin, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006, reflexões, perspectivas e propostas**. Universo Produções, 2015.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e educação: Universo Produções**, 2015.



LARROSA, J. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, Michel A.; BESLEY, Tina (Orgs.). **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 25-39.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Kit de Materiais Educativos de Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual**. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2009.

XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. In: *Revista Educação e Realidade*. Vol. 33, número 1, jan./jun. 2008. p. 13-20.

XAVIER, Tina. **As aventuras da Princesa Pantaneira**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2012. 36 p.

XAVIER, Tina. **Do meu corpo eu cuido e protejo**. Ilustrações de Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014a. [Livro infantil]. 27 p.

XAVIER, Tina. **Meninas e meninos têm direitos**. Ilustrações de crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014b. [Livro infantil]. 31 p.

XAVIER, Tina. **Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema**. Ilustrações de Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014c. [Livro infantil]. 29 p.

XAVIER, Tina. **Viver sem violência é um direito**. Ilustrações de crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014d. [Livro infantil]. 30 p.

Recebido em 18 de agosto de 2022

Aprovado em 15 de dezembro de 2022